

A Cidade Prometida: Fluxos Migratórios e Empreendimentos Minerários na Formação de Canaã dos Carajás- PA¹

Maria Clara Souza Sanches (UNIMONTES/MG)²

Palavras-Chave: Migração; Identidade, Mineração; Canaã dos Carajás-PA;

Introdução

O presente trabalho busca discutir os fluxos migratórios na cidade do sudeste paraense, Canaã dos Carajás, e como esse fluxo se relaciona com os empreendimentos minerários presentes na região, a exemplo da Vale S.A presente na cidade, que acentua a extração de minério na área; e também como estes afetam a formação cultural da cidade, que por sua vez é formada majoritariamente por migrantes; e se estes sentem-se participantes dela. Para isso foi preciso me aprofundar e contextualizar o processo migratório e minerário no sudeste paraense, mais especificamente Canaã dos Carajás.

Canaã é uma cidade jovem de apenas 29 anos, localizada no sudeste paraense, região de Carajás, região essa que engloba cidades como Marabá cidade de porte médio, Curionópolis também conhecida como *Trinta*, por ficar apenas trinta quilômetros de Eldorado dos Carajás e de Parauapebas, que é a cidade que por muito tempo Canaã foi distrito, sendo a emancipação da cidade em outubro de 1994, entre todas as jovens cidades citadas, Canaã dos Carajás é a caçula.

O intenso fluxo migratório da cidade é fortemente influenciado pelos investimentos minerários da região. O extrativismo sempre moveu a cidade e atraiu imigrantes, antes com o garimpo hoje com a mineração. O primeiro grande *boom* migratório é influenciado pelo *Boom* do ouro com garimpo de Serra pelada, o maior garimpo a céu aberto que continha migrantes de varias partes do Brasil mais principalmente do Maranhão-NE (Mathis,1995). É nesse período que a minha família chega ao sudeste paraense após diversas tentativas ingratas de viver como comerciantes.

¹ Trabalho apresentado na 34ª Reunião Brasileira de Antropologia (Ano: 2024)

² Mestranda pelo Programa em Pós Graduação Em Desenvolvimento Social - PPGDS na Universidade Estadual de Montes Claros, com bolsa de amparo à pesquisa pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Minas Gerais – FAPEMIG.

Meu avô migrou a primeira vez para o Pará, na década 70 com 40 anos de idade, morou e trabalhou na região de Curionópolis de 1980 a 2004, tendo então 52 anos quando chegou em Canaã e vindo a falecer na cidade com 71 anos. “Seu cabeça”, como era conhecido, saiu do Piauí em busca de qualidade de vida e pensava que poderia encontrar esse padrão de vida em Santa Inês, cidade maranhense, onde trabalhou por muito tempo na lavoura, mas não encontrou. Assim, nesse período minha família chega em Serra Pelada para tentar a sorte com o garimpo.

Minha família materna parte para o Pará onde residiu em diversas cidades: Paragominas-PA, onde minha mãe relata que foi um tempo com a família como uma estadia longa e tranquila. Porém, devido à falta de movimentação que existia graças à abertura da estrada que liga Belém a Brasília, o meu avô desloca-se pela segunda vez, e parte para Tailândia-PA, onde trabalhou em uma churrascaria. Migrou novamente, já na cidade de Tucuruí-PA, trabalhou em um bar lanchonete que a noite funcionava como danceteria, com auxílio da minha avó, mãe e tias que sempre trabalhavam em qualquer novo “trambique” que o próprio organizava, trabalhando como comerciantes, em restaurantes na beira de estrada, ou até mesmo em um hotel de madeira chamado de hotel maranhense.

A cada novo negócio vinha um novo fracasso, e sem perspectiva de mudança, meu avô busca uma outra promessa, mas dessa vez promessa de riqueza. Assim meu avô, “seu cabeça”, vai de encontro a Serra Pelada e a cidade de Curionópolis. Onde a perspectiva de vida não era mais a de sobrevivência e sim de prosperidade, enriquecimento, de melhora substancial do que a minha família entendia como vida.

Serra Pelada trouxe para a região também a empresa Vale do Rio Doce que hoje após o seu processo de privatização é renomeada para Vale S.A em 2007, para o aporte de todo o fluxo de pessoas na região e devido a impossibilidade de entrada de crianças e mulheres em Serra Pelada, e para suprir com as necessidades do garimpo, como supermercado e abrigar as famílias dos garimpeiros surge a partir dessas necessidades a cidade de Curionópolis como uma cidade de suporte (Craice, Souza, 2018), onde funcionavam escolas, supermercados, bares, postinhos, prostíbulos e onde ficavam as casas dos garimpeiros bem como as suas famílias.

Entre essas famílias havia a minha, meus avós “Seu Cabeça” e “Dona Joana”, meus tios e tias, tio Antônio (tio Toin), tia Terezinha, tia Cleide, tia Leuda e tio Elismar (tio Ném), bem como a minha Mãe Maria Alves, sendo ali o local onde meus irmãos Paulo Henrique e Rayonnan seriam criados, e é lá que meu avô, assim como muitos migrantes buscavam enriquecer a partir da promessa de uma vida melhor por meio do Garimpo, que viria a ser fechado em 1983. Minha mãe, sem ter para onde ir, parte para a cidade prometida Canaã dos Carajás, uma jovem cidade com cerca de 70.079 habitantes segundo os dados obtidos pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) de 2022.

Em um contexto de abertura econômica regional do governo militar, durante o processo de redemocratização, a Amazônia nesse processo simbolizava a esperança e a prosperidade, vista como reserva energética e de matéria prima pouco ocupada e vasta, facilitando o processo de exploração. Assim, durante esse processo o investimento na região foi feito diversos acampamentos para os trabalhadores que estavam construindo o Projeto Ferro Carajás (PFC). Para o desenvolvimento de projetos relacionados à exploração de mineração, agropecuária e transporte rodoviário e ferroviário. Os acampamentos foram extremamente importantes para a abertura de rodovias e asfaltamento da PA-275 que ligava Eldorado dos Carajás e Parauapebas. A partir dessa conjuntura surge o aglomerado de Canaã dos carajás (Nunes, Pinho, 2019).

Sua sede era antigamente o Centro de Desenvolvimento Regional II, mais conhecido como CEDERE II. Tal centro foi criado pelo Governo Federal com pelo menos três objetivos específicos: 1) ocupar a Amazônia de maneira estratégica; 2) minimizar a pressão por terras nas regiões sul e sudeste do País e direcionar as pessoas a Amazônia; e 3) atenuar os conflitos pela posse da terra em território paraense, bem como controlar focos de resistência ao governo, especialmente na região conhecida como Bico do Papagaio e suas proximidades, onde se realizou a guerrilha do Araguaia. (Nunes e Pinho, 2019, p. 4).

Devido a sua relevância para empreendimentos minerários Canaã dos Carajás se emancipa de Parauapebas e se tornando um município em 1994. Desta forma é no governo de Fernando Henrique de Cardoso com a privatização da Vale que Canaã dos Carajás passa a ser considerada uma potência mineral no Estado do Pará (Nunes, Pinho, 2019).

Em busca da “Cidade Prometida”

A pesquisa da qual eu espelho esta discussão nasceu por meio de discussões realizadas pelo Grupo de Estudos e Pesquisas sobre Migrações e Comunidades Tradicionais do rio São Francisco – OPARÁ-MUTUM - CNPq/ UNIMONTES, no ano de 2022, sobre as migrações internas. Compreendemos que migrar é um direito humano e quando este não é um direito, e sim uma obrigação, não poderia mais ser categorizado desta maneira, a migração passa a ser, expulsão. Este trabalho aborda os processos migratórios em Canaã dos Carajás, cidade paraense e como esses deslocamentos influenciaram e continuam influenciando a formação da identidade das pessoas que fazem a cidade, com o objetivo de compreender como esse deslocamento forçado provocado pela mineração aconteceu e acontece.

Aqui busco exemplificar a relação da minha família com o fluxo migratório para o sudeste paraense, e como as suas narrativas se misturam por meio do contexto do processo de garimpo e mineração. Um aspecto importante para estruturação deste trabalho, é a migração e como a mineração, bem como o garimpo, estruturam e estruturam a formação da região. Os dois processos apesar de se instalarem de formas diferentes, operam a partir da mesma lógica, de exploração da terra e dos seus moradores, ocasionando na expulsão dos próprios.

A partir dessa premissa uma pergunta foi feita: para onde vão os expulsos? Os expulsos seguem a serem expulsos por diversas vezes ou encontram de alguma forma um local permanente? Este artigo foi construído através da abordagem qualitativa, utilizando das técnicas de entrevistas, da história de vida, da observação e da pesquisa bibliográfica e documental e quantitativa com a análise de dados secundários fornecido pelo IBGE.

A trajetória da minha família foi utilizada como forma de demonstrar como o nosso percurso vem de encontro com a história do Pará e como esta é a história de muitas famílias migrantes que na região do sudeste paraense, tentam fazer a vida. Foram utilizadas técnicas etnográficas, na descrição da minha autoetnografia. Concordando que é crucial ao etnógrafo ser “afetado” pelo meio pesquisado, rompendo, com a perspectiva de separação, entre “nós” e “eles”.

Mas – e insisto sobre esse ponto, pois é aqui que se torna eventualmente possível o gênero de conhecimento a que visio –, o próprio fato de que aceito ocupar esse lugar e ser afetada por ele abre uma comunicação específica com os nativos: uma comunicação sempre involuntária e desprovida de intencionalidade, e que pode ser verbal ou não. (Saada. 2005, p. 159)

Utilizei de técnicas etnográficas como o uso de um diário de campo, fotografias, entrevistas, documentos e me apoiei na autoetnografia. Realizei revisão bibliográfica, dos materiais já existentes sobre o tema, que foram utilizados como base para a elaboração da pesquisa, enriquecendo-a no quesito teórico.

Clifford Geertz (2008) propõe que "A etnografia é estabelecer relações, selecionar informantes, transcrever textos, levantar genealogias, mapear campos, manter um diário, e assim por diante" (Geertz, 2008, p. 4). O método será empregado a partir de entrevistas em profundidade, pois nestas entrevistas semi estruturadas, os entrevistados se encontram mais livres para exporem suas perspectivas e experiências que entrevistas padronizadas ou questionários.

Foi também utilizado a fotografia como uma forma de situar a cidade de Canaã dos Carajás no seu início e como esta se encontra nos tempos atuais. A pesquisa documental será utilizada como complementar a bibliografia sobre a região, assim como servirá de contextualização histórica da mesma. Por fim, a pesquisa também irá utilizar a autoetnografia.

A autoetnografia como uma combinação de elementos da etnografia e da autobiografia. Como na autobiografia, a epifania é muito frequentemente utilizada. Nela, o pesquisador/narrador relata, de maneira retrospectiva e seletiva, um evento emblemático, pois ilustrativo de um processo social transformador que marca sua experiência como indivíduo. (Maia; Batista, 2020, p. 241)

Desta forma utilizei a história da minha família para demonstrar os impactos estruturais que a mineração, tanto quanto os garimpos, tiveram no migrar da minha família, e os problemas que enfrentaram ao longo da sua história, e como minha e muitas outras famílias de imigrantes fazem parte da construção de Canaã dos Carajás. Neste artigo busco compreender a partir dos olhos de quem chega, como estes veem o que foi o garimpo e mineração em suas vidas. Procuro entender as relações de poder presentes na própria estruturação do garimpo, de como estas afetam os seus trabalhadores e as explorações que estes sofrem.

As indagações que permeiam esse artigo são quando falamos de imigrantes tidos como espontâneos, até que ponto podemos qualificá-los assim, como desbravadores? Até que ponto a migração que se dá no Norte pode ser considerado espontânea e até que ponto ela não é uma migração “forçada” ou uma expulsão? Tendo como objetivo compreender, entender e apreender a relação entre os moradores imigrantes com a cidade, bem como, compreender os processos migratórios vigentes e por fim analisar a formação da identidade canaense com enfoque na vivência da migração.

A cidade do migrante

Os migrantes que compõem a maioria da população de Canaã dos Carajás não se sentem pertencentes a ela. Importante observar, que temos migrantes de duas formas na cidade: a maioria são os trabalhadores que vieram para Canaã advindos da frustração do sonho de Serra Pelada e os migrantes que vieram para a cidade já empregados, trabalhadores e seus familiares vindos por intermédio de empresas como a Vale.

A priori, os migrantes capazes de ocupar os bons bairros para viver, são aqueles que vieram já empregados, pela empresa Vale, ou outras empresas presentes na cidade como, DBENS MINERAÇÃO, U&M Mineração e Construção S/A (em alguma área específica, ou por transferência de cidade), os demais trabalhadores moram na periferia da cidade. A história da minha família, está intrinsecamente ligada à história da migração, da mineração e do garimpo no Pará. Através desses processos, hoje a maioria dos meus familiares continuam espalhados pela região, entre as cidades de Marabá, Eldorado dos Carajás e Curionópolis.

Minha mãe é maranhense, meu irmão mais velho é paulista e o meu outro irmão também paraense nascido em Curionópolis. Eu, paraense, nascida na cidade de Parauapebas, faço minha primeira migração ainda recém-nascida para Curionópolis, onde vivi até os 3 anos de idade. Canaã dos Carajás aparece nas nossas vidas como uma promessa bíblica, como o próprio nome já indica. Chegando a Canaã dos Carajás, à cidade que vivi a vida inteira entre os anos 2003 e 2018, percebo os resquícios do garimpo na realidade da cidade, na estruturação de quem e como se vive no lugar. Os

grandes investimentos em minério acabam por ditar como se forma a cidade, em quem vem e quem vai, onde mora e como mora. A cidade do minério, tanto em seus âmbitos materiais quanto simbólicos, foi formada a partir da imigração, que bem como o garimpo e mineração, perpassam a história da minha família.

A Cidade da Migração e a identidade canaense

Essa identidade que se forma a partir da imigração é majoritariamente maranhense, tocantinense, goiana e mineira. Stuart Hall (2000) em “quem precisa de identidade?” entende identidade a partir da rasura do conceito quando desessencializa o mesmo, pois, o compreende como mutável e não linear, ou seja, identidade será aqui abordada também a partir da rasura, a partir do entendimento que a identidade está em disputa e que não se encontra isenta das relações de poder, contendo, dentro de si assimetrias.

Embora tenha suas condições determinadas de existência, o que inclui os recursos materiais e simbólicos exigidos para sustentá-la, a identificação é, ao fim e ao cabo, condicional; ela está ao fim e ao cabo, alojada na contingência. Uma vez assegurada, ela não anulará a diferença. (Hall,2000, p.106.)

Para uma identidade ser valorizada há outra que está sendo subjugada “há sempre “demasiado” ou “muito pouco” - uma sobredeterminação ou uma falta, mas nunca um ajuste completo, uma totalidade” (Hall,2000, p.106), a partir deste entendimento de que a sempre uma identidade valorizada e outra subvalorizada, entendo que isso se transfere para a formação da cidade de Canaã. Havendo migrantes mais valorizados que outros na formação da cidade, a partir do “tipo” de migrante que você é.

Os minérios presentes na região, como mineração de ouro na Serra Pelada em 1980 e 1983, foi fundamental para a criação da cidade de Curionópolis, que se tornou núcleo de apoio para os garimpeiros. Assim os migrantes que fizeram a cidade como um lar temporário após o fechamento da Mina, se esvaem e muitos exploram outras cidades do sudeste paraense (Craice, Souza, 2018). Desta forma, entendemos que a única escolha que estes imigrantes tiveram, foi migrar, e se esta era a sua única escolha será que de fato poderia se configurar como uma? Para onde poderia se voltar? A teórica Saskia Sassen (2016), utilizará o termo expulsão para falar sobre quando voltar para a sua terra, e sua família não se configura como uma opção, já que o familiar se torna inalcançável, e não é justamente isto que o garimpo e a exploração de minério fazem, expulsam?

Os diversos processos e condições que incluem sob o conceito de expulsão têm um aspecto em comum: todos são agudos. Embora o caso mais extremo sejam pessoas que vivem na pobreza abjeta no mundo inteiro, incluem condições tão diferentes quanto empobrecimento das classes médias nos países ricos, a expulsão de milhões de pequenos agricultores em países pobres em decorrência de 220 hectares de terras adquiridos por investidores e governos estrangeiros desde 2006 e as práticas destrutivas de mineração em países tão diferentes quanto os Estados Unidos e Rússia. (Sassen, 2016, p.11)

Havendo então duas categorias migratórias na cidade, os imigrantes de mão obra não qualificada, os “aventureiros”, “desbravadores”, aqueles que vêm em busca de oportunidades na “cidade prometida”, e os trabalhadores de mão de obra qualificada geralmente contratados ou transferidos por empresas instaladas na cidade, como a Vale entre outras empresas presentes.

Em geral, eles podem ser classificados em dois grupos majoritários: os que chegam como “aventureiros”, atraídos pelas possibilidades criadas pelos 17 grandes projetos; e os que são trazidos como mão de obra qualificada, essencial para as empresas que levam a mineração e que se estruturam em torno da atividade. (Craice, Souza, 2018, p.8)

Em parte, alguns destes migrantes não pretendiam continuar na cidade de Canaã, buscavam ali apenas um acúmulo monetário e após este acúmulo partem para suas cidades natais, principalmente os imigrantes do Sul e Sudeste do País (Craice, Souza, 2018). Tornando assim, a cidade vazia em épocas comemorativas e lugares de sociabilidade pouco ocupados ou abandonados. “A cidade do trabalho” (Cardoso; Cândido; Melo, 2018) não é conhecida pelos seus espaços públicos e, as sociabilidades estão sumariamente regidas pelo consumo em bares e festas.

Não havendo ainda transporte coletivo para que os moradores pudessem transitar pelos ambientes, com uma mobilidade no meio urbano composta sumariamente por carros ou motos ou a pé. Existe na cidade uma lógica de trabalho, é uma cidade para produzir, acumular riquezas e ir embora. Com a chegada de novos moradores na cidade, as perguntas sempre são: “*Tu viestes pra Canaã fazer o que? trabalhar com o que?*”, o pressuposto está sempre atrelado à trabalho, no imaginário dos moradores da cidade não há outro motivo para estar ali, e geralmente o pressuposto está correto, a resposta majoritariamente soa como “*vim transferido de Minas Gerais*”, ou “*vim visitar o meu tio e vi que a cidade tinha muita oportunidade e fiquei*”, ou até mesmo “*vi que aqui tem emprego e vim pra cá e acabei gostando da cidade*”.

E como poderia ser diferente? As empresas mineradoras continuam a ditar a formação da cidade, a empresa Vale no intuito de criar um parque municipal, comprou os balneários da cidade, (Gazeta Carajás, 2023). O fechamento dos balneários e cachoeiras, também indignou pequenos empresários da região, alguns moradores até espantados ficaram “*não sabia nem que era possível fechar um rio*”.

Os problemas estruturais que existem em Canaã hoje e que dividem os espaços são heranças estruturais, resquícios, de uma lógica já vivida anteriormente em Serra Pelada, em que apesar das aparências de abandono, havia sim, investimentos em infraestrutura, mas que nunca visavam o atendimento daqueles trabalhavam em subempregos “DOCEGEO, que mantém o maior contingente de pessoal no garimpo, entre 50 e 90 homens, fica responsável pelo fornecimento da infraestrutura dentro do garimpo e recebe o monopólio da compra de ouro” (Mathis, 1995. p, 7)

Em ambas as situações, há um investimento em estrutura motivada pelo olhar do recurso, a natureza como um recurso a ser explorado, em Serra Pelada se dava com o completo abandono daqueles que trabalhavam nas minas de garimpo, tanto quanto o abandono daqueles que moravam nas cidades de apoio, suscetíveis a doenças, como malária. Já em Canaã dos Carajás há um processo de privatização dos espaços da cidade, criando dinâmicas com assimetrias hierárquicas de quem pode ou não frequentar os espaços da cidade, onde mesmo sendo uma cidade relativamente pequena, torna-se extremamente heterogênea e desigual.

Ambos perfis de migrantes constroem a cidade tanto simbolicamente quanto em seu sentido material, porém é permitido a alguns a possibilidade de viver a cidade, viver os seus espaços que são regidos pelo consumo. Desta forma, entendemos que apenas alguns possuem o direito à sociabilidade gratuita. Os moradores associados a empresas minerárias principalmente a Vale S.A chegam a cidade, com algumas garantias, como moradia, clubes para o lazer, casa da cultura instalada no seu bairro. Enquanto os imigrantes considerados como espontâneos, e que aqui serão considerados como “expulsos” (Sassen, 2016) chegam à cidade sem suporte algum e permanecem na cidade sem garantias, apenas com a promessa de melhoria, essas disparidades permeiam todo o tecido urbano da cidade.

Essas desigualdades formam a jovem cidade amazônica em sua identidade, principalmente, onde a sua valorização depende da sua forma de migração. Para se afirmar a partir de uma identidade é preciso não se ter várias, para ser mineiro é preciso primeiramente não ser Paraense ou Maranhense, para ser migrante de mão de obra qualificada vindo por intermédio de empresas como a Vale S.A é preciso não ter sido deslocado compulsoriamente. A “diferença” (Silva 2000) como afirmação para a identidade em Canaã é notória. Existindo os migrantes vistos pela a cidade e aqueles “Ausentes” (Martins, 2018) que não pertencem a cidade não são vistos como participantes dela e os formadores da mesma “quem está não estando” (Martins,2018, p. 23) partindo da exclusão social para falar dessas pessoas, que não pertencem a onde moram.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir das entrevistas fornecidas pela minha família principalmente pela minha mãe Maria Alves e minha tia Cleydemar. Foi possível compreender as nuances em migrar e as esperanças e ilusões que seriam frutos desses deslocamentos.

Mamãe: Por que quando a gente mudava, tinha outras esperanças, outras vontades, é (...) a gente tinha uma nova ilusão, né? Que ia ser melhor, que era buscando coisas melhores, buscando um sonho que não sabia o que se sonhava e mudar já depois de certa idade, é dificultoso, né?³

Foi entendido através dos processos micro e macrossociais, com o uso de dados qualitativos e quantitativos, que o garimpo representou para minha família a esperança de qualidade de vida, saneamento básico, escola e enriquecimento, mas a esperança se tornou uma “*nova ilusão*” meu avô morreu empobrecido e sem nenhuma perspectiva de enriquecimento. A migração presente por toda a história da minha família foi dolorosa para todos que viveram nela, porém, foi crucial para a melhoria de vida que viria anos depois da morte do meu avô e a alguns quilômetros de Curionópolis em Canaã dos Carajás.

Sendo possível compreender que tanto a migração e mineração auxiliaram na formação da cidade, na sua identidade e no seu habitar. Os imigrantes afetam a identidade da cidade e são afetados por ela. A autoetnografia me auxiliou na

³ Depoimento colhido por Maria Clara Souza Sanches, 10/2023.

compreensão de que a migração vivida pela minha família, foi a realidade de tantas outras em busca de uma vida melhor. A partir das do que observei entendo que o processo migratório para o sudeste paraense, provocou expulsões e deslocamentos forçados e compulsórios.

Compartilho que a ideia de expulsão desenvolvida Saskia (2016), foi fundamental para o entendimento da migração para Canaã, pois o processo que foi vivenciado pelos trabalhadores, entre eles a minha família foi um processo de expulsão, não uma escolha. São expulsos e por isso se tornam deslocados. A busca pelo desenvolvimento, através da ideologia da modernização, provocou o aumento dos fluxos migratórios que nesse caso foram resultados dos adensamentos de deslocamentos forçados, com efeitos permanentes irreversíveis, e os deslocamentos acontecendo de maneira compulsória.

A partir dos trabalhos de campo realizados no período de dezembro de 2022 e janeiro, fevereiro e julho de 2023, consigo perceber de forma tangível a influência que os investimentos minerários possuem na cidade amazônica, na construção da cidade a quem vive nela. Nos relatos coletados com a minha família, consigo notar as influências que a ideia de melhoria pela mineração ocupa em sua cabeça ao mesmo passo que estes entendem o quanto o garimpo foi e é devastador para os trabalhadores e para o meio ambiente, mesmo que estes operem seguindo uma lógica de expropriação, em que o próprio garimpo já foi administrado pela hoje empresa Vale S.A.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Alfredo Wagner. "REFUGIADOS DO DESENVOLVIMENTO" Os deslocamentos compulsórios de índios e camponeses e a ideologia da modernização. Travessia / maio- agosto / 96, p. 30-35. Disponível em: < <https://travessia.emnuvens.com.br/travessia/article/view/572/525> >. Acesso em: 11 de dezembro de 2022.

FAVRET-SAADA, Jeanne. "Ser afetado". Cadernos de campo. n 13: 155-161, 2005.

GEERTZ, Clifford. **Uma Descrição Densa: Por Uma Teoria Interpretativa da cultura.** In: **A Interpretação das culturas.** Rio de Janeiro: Zahar, 2008. P. 3-21.

HALL, Stuart. **Quem precisa da identidade?** In: SILVA, Tomaz Tadeu (Org. e Trad.). *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais.* Petrópolis: Vozes, 2000.p. 103-133.

IBGE - INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. IBGE cidades. Disponível em: <
<https://www.ibge.gov.br/cidades-e-estados/pa/canaa-dos-carajas.html> >. Acesso em: 09 de maio de 2022.

MATHIS, Armin. Garimpos de ouro na Amazônia: atores sociais, relações de trabalho e condições de vida (Paper 037). **Papers do NAEA**, v. 1, n. 1, 1995.

MATHIS, Armin. Serra Pelada (Paper 050). **Papers do NAEA**, v. 1, n. 1, 1995.

NUNES, Débora Aquino; PINHO, Bianca Caterine Piedade. Mineração, condições de vida e trabalho em Canaã dos CARAJÁS-PA. **Revista Caribeña de Ciencias Sociales (RCCS)**, n. 9, p. 28, 2019.

SOUZA, Marcos. CARICE, Carla: **ENTRE MINERIOS E RIOS: NOTAS SOBRE URBANIZAÇÃO, MIGRAÇÃO E CONSUMO NO SUDESTE DO PARÁ**. ANAIS DO ENANPUR. v. 15 n. 1 (2013): ANAIS DO XV ENANPUR (2-15). 2018.

SASSEN, Saskia. **Expulsões: brutalidade e complexidade na economia global**. Editora Paz e Terra, 2020.